

Relações entre múltiplas redes no Bairro Alto (Lisboa) ¹

Heitor Frúgoli Jr. ²

Surgido no séc. XVI e situado na área central de Lisboa, o Bairro Alto pode ser considerado a princípio um bairro popular e típico, com predomínio de residentes idosos e que, do ponto de vista histórico, caracterizou-se por várias formas de boemia. Nos anos 1980, deu visibilidade a um novo movimento boêmio, seguido de outras mudanças que têm atraído um número elevado e crescente de frequentadores. Pretende-se apresentar alguns resultados de uma pesquisa de caráter antropológico iniciada em 2007, com ênfase na reconstituição de redes (que dialogam com tal plano local) numa perspectiva intensiva (do ponto de vista territorial), ou, em outras palavras, com atenção à condensação de relações entre múltiplas redes.

Contextualização inicial, referências teóricas, primeiras relativizações

O presente paper sintetiza, em caráter nitidamente introdutório (a menos de três semanas do término da pesquisa), o trabalho de campo realizado no Bairro Alto entre março e julho de 2011. Tal experiência retomou idas anteriores, de caráter mais pontual, ³ com uma permanência mais prolongada e regular.

É necessária uma brevíssima contextualização desse bairro (cujas passagens foram muitas vezes mencionadas, retomadas ou reformuladas por vários sujeitos pesquisados), antes de avançarmos nas principais referências que nortearam o presente

¹Paper a ser apresentado no 35º Encontro Anual da ANPOCS (out./2011), na sessão “Formas e movimentos” do GT “Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição”. O artigo sintetiza tópicos da pesquisa desenvolvida entre março e julho de 2011, com bolsa de pesquisa no exterior da FAPESP, mas também se vale de idas pontuais anteriores (2007, 2008 e 2009) propiciadas pelo CNPq (por minha inserção na Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos). Não posso deixar de agradecer imensamente a *todos* os sujeitos da pesquisa, bem como expressar minha gratidão pela supervisão generosa da Profa. Dra. Graça Índias Cordeiro, do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), à infra-estrutura oferecida pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE-IUL), aos retornos obtidos quando das falas sobre a pesquisa no CIES, na Universidade Lusíada de Lisboa, na Universidade de Coimbra e na livraria Círculo das Letras, sem falar da acolhida calorosa de alguns amigos portugueses ao longo de minha estadia. Agradeço também às ajudas técnicas de Edinaldo Faria e Marina B. de A. Frúgoli na confecção do paper.

² Professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC).

³ Em breve será publicado artigo sobre o período anterior a 2011, em parceria com Jessica Sklair.

trabalho. Resumidamente, o Bairro Alto, surgido em 1513 e situado na área central,⁴ pode ser considerado um bairro popular, histórico e típico de Lisboa⁵ – levando em conta os múltiplos significados que a idéia de bairro evoca no caso português⁶ –, com a predominância (decrecente) de moradores idosos (principalmente senhoras⁷), protegidos por leis de congelamento das rendas (aluguéis) e que vivem em edifícios envelhecidos, com pouquíssimos investimentos de melhoria por parte de seus proprietários.⁸ Ao longo de sua história, caracterizou-se pela boemia, associada, a partir de meados do séc. XIX, ao fado, à prostituição e à marginalidade.⁹ Durante o séc. XIX, o bairro se tornou também um ponto assinalável da imprensa local, tendo nele sido

⁴ Cujo nome inicial foi Vila Nova de Andrade, com um traçado geométrico que antecipou a reforma urbana pombalina pós-terremoto (Carita, 1994; 2006).

⁵ Bairro típico é, de um modo geral, uma categoria nativa acionada com mais recorrência que as demais.

⁶ Para um quadro a respeito, ver Cordeiro e Firmino da Costa (1999); Graça Cordeiro é autora de publicação referencial sobre o bairro da Bica em Lisboa (Cordeiro, 1997); o livro de Firmino da Costa (1999) sobre o bairro lisboeta de Alfama é uma literatura obrigatória nos estudos urbanos portugueses; sobre Alfama, ver também Silva (2001); ainda com relação à região central de Lisboa, um espaço urbano recentemente focado tem sido a Praça do Martim Moniz, marcada pelos usos significativos por parte de múltiplas etnias (Bastos, 2004; Menezes, 2009).

⁷ Ver a respeito o interessante documentário de Marta Pessoa, “Lisboa domiciliária” (Lisboa, Real Ficção, 2010), que enfoca principalmente idosas, boa parte delas residentes do Bairro Alto. Minhas visitas a idosos ali também ocorreram principalmente com senhoras, embora não detenha dados demográficos que comprovem essa impressão de predominância.

⁸ Cf. entrevistas com Filipe Lopes (ex-coordenador do Programa de Reabilitação Urbana de Lisboa, 1990-2000) e Antonio Miranda (Unidade de Projeto Bairro Alto e Bica – UPBAB) (set./2007).

⁹ Sobre o vasto tema do fado, a ser abordado em outra ocasião, ver Brito (1994; 2004) e Pais (2008 [1985]). Para uma ótima reconstituição do Bairro Alto da passagem do séc. XIX ao XX, ver Sousa (1944). Tal atmosfera tinha seu fascínio, tendo despertado a curiosidade em João do Rio, talvez o primeiro brasileiro a escrever sobre o Bairro Alto, quando da sua primeira estadia em Lisboa: “A temperatura caíra um tanto na noite banhada de luar. Tomámos uma tipoia. Elle mandou tocar para uma rua do Bairro Alto. Durante a viagem não pronunciei uma palavra. Interessava-me aquele correr da tipoia pelas ruas estreitas, onde se viam homens de calça estreita com ares de fadista, e á janella de casas suspeitas, com cortinas de côres vistosas, mulherinhas novas pintadas e velhas croias ainda mais pintadas. Afinal entrámos numa rua deserta e escura onde o vento zunia com furia. Á esquina, uma mulher de bisco num grupo de tunantes esquivos, apontou para o trem: - Olha os do fado liró! Saltámos no trecho mais escuro. O meu amigo bateu a uma porta, parlamentou algum tempo. Depois, voltando-se: - Entra. Olha que tens de descer quatro degraus” (1909, 6-7).

localizadas as redações de muitos jornais.¹⁰ Nos anos 1980, o Bairro Alto viveu um período significativo, quando, de um modo geral, desdobramentos¹¹ da Revolução dos Cravos (ocorrida em 1974) estimularam mudanças em costumes e atitudes na cidade de Lisboa. Naqueles anos, o bairro serviu como foco central para um novo movimento boêmio, a “movida lisboeta”, nome inspirado no movimento espanhol, “la movida madrileña” (pós-franquista), que lhe serviu em parte de modelo.¹² Mais ao final do século XX, o bairro ainda passou por outra onda de mudanças, quando mais uma geração de usuários (incluindo turistas europeus ou mesmo estudantes ligados ao Programa Erasmus) chegou para desfrutar sua vida noturna, então com uma série de novos bares e restaurantes. À noite, estes transformam o local em um dos pontos mais lotados e movimentados da cidade, o que causa vários transtornos aos seus moradores. Chegando ao presente, tal fenômeno tem sido assinalado por parcela considerável de frequentadores noturnos que consome bebidas alcoólicas nas ruas,¹³ cuja compra (principalmente de cervejas, as “litrosas”) é barateada, prática essa identificada como botellón, numa nova referência espanhola (por vezes aportuguesada para “botilhão”),

¹⁰ Para uma interessante reconstituição, ver Dias (1994, 45-96). O escritor Saramago, aliás, revela-nos um Ricardo Reis (um dos heterônimos de Fernando Pessoa) que, de volta a Lisboa, circula pela região do Bairro Alto e Chiado: “Vai Ricardo Reis aos jornais, vai onde sempre terá de ir quem das coisas do mundo passado quiser saber, aqui no Bairro Alto onde o mundo passou, aqui onde deixou rasto do seu pé, pegadas, ramos partidos, folhas pisadas, letras, notícias, é o que do mundo resta, o outro resto é a parte de invenção necessária para que do dito mundo possa também ficar um rosto, um olhar, um sorriso, uma agonia” (1984, 35). Hoje há apenas um jornal (desportivo) ali, “A Bola”, cuja impressão é feita em outro local. A Hemeroteca Municipal (situada no Bairro Alto) abriga um grande acervo dos jornais publicados em Portugal, embora com um funcionamento precarizado (Henriques, 10/7/2011, 42-43).

¹¹ Frustrações, ou ressaca, como disseram-me alguns.

¹² Nessa época, a explosão de bares e boates no Bairro Alto – o mais importante dos quais foi o *Frágil* – e a chegada de uma série de artistas plásticos e estilistas, trouxe novos e jovens usuários para o bairro, atraídos especialmente pela vida noturna. A partir de 1986, as “Manobras de Maio”, uma série de desfiles de moda realizados em suas ruas que marcaram uma nova época na moda portuguesa, também tornaram-se símbolos da nova identidade do Bairro Alto, convertido em um espaço de afirmação de valores culturais desse período (cf. entrevista com Belino Costa, lojista e presidente da Associação de Comerciantes do Bairro Alto, set./2007).

¹³ Não apenas no Bairro Alto, embora ali isso se condense e ganhe maior visibilidade pública.

onde o consumo coletivo e denso de álcool por grupos juvenis em espaços públicos teria se originado.¹⁴

Antes da apresentação da experiência etnográfica propriamente dita, é importante lembrar que o próprio conceito de bairro implica uma série de desafios, já que não se apresenta como uma realidade a priori, sendo marcado por planos e escalas distintos, fronteiras fluidas e alvo de múltiplas representações – conforme os atores sociais, instituições e situações em jogo, bem como interesses políticos em questão (Authier *et al*, 2007; Vidal, 2009; Cordeiro e Firmino da Costa, 1999; Agier, 2011).¹⁵ Ademais, embora sejam inevitáveis algumas classificações e hierarquizações, procuro evitar na própria abordagem a defesa de um ponto de vista mais legítimo, que poderia ser atribuído a princípio aos moradores, muito embora os mesmos tenham sido levados em conta de forma considerável nessa pesquisa.¹⁶ Cabe ainda frisar que frente à tendência muito recorrente (a começar, pela própria fala de muitos sujeitos) de separar moradores (idosos) e frequentadores noturnos (a chamada “malta jovem”) como dois mundos em permanente conflito, procurou-se prestar atenção etnográfica às várias relações e conexões (por vezes cotidianas) entre ambos, bem como à configuração de outros tipos de conflitos, decorrentes ou não da polaridade básica anterior.¹⁷

A própria etnografia propiciou impactos de distintas ordens a tais formulações, quando (retomando os argumentos anteriores do fim para o início) foi possível:

- constatar a existência de residentes idosos que se valem de algum modo da estrutura comercial local para pequenas atividades remuneradas (mesmo reconhecendo que a maioria provavelmente não o faça), ou mesmo quando filhos ou netos desses também se valem disso, o que ajuda a relativizar a idéia de “dois mundos” totalmente separados;

¹⁴ Ver matéria recente a respeito em Sobral (3/4/2011, 8-9).

¹⁵ Isso sem falar, para não prolongar demais, nos recortes disciplinares diferenciados (Frúgoli Jr., 2009).

¹⁶ Para uma abordagem sobre um bairro a partir de práticas espaciais dos moradores, ver Mayol (2008 [1994]).

¹⁷ Ver mais detalhes em artigo futuro a respeito, em parceria com Jessica Sklair.

- reconhecer que embora certas representações sobre o Bairro Alto (ou simplesmente Bairro, como muitos o chamam),¹⁸ sejam acionadas por moradores e comerciantes locais, isso é também feito, evidentemente, por inúmeros frequentadores (atuais e de décadas passadas), que embora não residam ali, tomam tal espaço como parte significativa de períodos de suas vidas ou trajetórias;¹⁹

- descobrir, para além da população local, instituições empenhadas em dar visibilidade à “identidade mais autêntica do bairro”, como faz atualmente a +Skillz, associação com um projeto de apoio social a jovens carentes (“carenciados”) da região,²⁰ cuja prática de essencialização merece atenção, sobretudo por efetivar uma ação costumeiramente encontrável nos bairros “sociais”, situados na área da Grande Lisboa;²¹

- perceber diferenças entre representações sobre o Bairro Alto como um espaço boêmio “desde sempre” (expressão portuguesa, recorrente nesse caso) ou principalmente nas últimas décadas, a primeira bastante acionada entre frequentadores da noite ou comerciantes locais, a segunda mais recorrente entre moradores, muito embora outra clivagem possa ser captada, principalmente dentre aqueles que fizeram parte da vida boêmia do Bairro entre a década de 1970 e 1980, quando se ressalta as particularidades da vida noturna moderna ali criada, em ruptura com a anterior (popular, marginal, fadista e ligada à prostituição);

¹⁸ Agradeço aos comentários de António Firmino da Costa (quando debati sobre a pesquisa com colegas do ISCTE-IUL em 2009) por apontar o paradoxo de que justamente o Bairro Alto talvez seja o “menos” bairro entre todos, por abrigar dinâmicas que se relacionam muito com a cidade como um todo, embora eu entenda que o enfrentamento das relações entre territorialidades e redes possa ajudar a enfrentar satisfatoriamente tal desafio.

¹⁹ Contrapontos esses enfrentados por Cordeiro e F. da Costa (1999).

²⁰ Ver detalhes em Ionline, 24/6/2011.

²¹ Como no caso da Cova da Moura, situado em área mais periférica de Lisboa, e marcado pela predominância de imigrantes cabo-verdianos, visitado em 2007 através de um roteiro organizado pela Associação Cultural Moinho da Juventude, lá localizada, que constrói estratégias narrativas sobre o próprio bairro. Sobre o Estrela D’Africa, na mesma região (Amadora), ver Antunes (2001). Sobre o rap produzido na Cova da Moura, Arrentela e Porto Salvo, ver o documentário “Nu Bai: o rap negro de Lisboa”, produzido por Otávio Raposo (Lisboa, 2006).

- retomar o tema das fronteiras fluidas de um bairro, muito embora no presente caso haja marcas arquitetônicas que de certa forma demarcam uma morfologia peculiar, de inspiração renascentista (Carita, 1994; 2006), o que não é suficiente, de toda forma, para delimitar suas fronteiras simbólicas; de um modo geral, o bairro é delimitado, ao sul pela Praça Luís de Camões, R. do Loreto, Largo do Calhariz e Calçada do Combro, ao leste, pela Rua do Século, ao norte, pela R. Dom Pedro V, e ao oeste pelas R. de São Pedro de Alcântara e da Misericórdia (ver Carita, 1994 e mapa ao final); há demarcações “internas”, entre o Bairro “mais comercial” ou “mais residencial” (“ativo” ou não “ativo”, segundo um morador da parte “ativa”), delimitada pela R. da Rosa, rua essa que também separa duas freguesias (Santa Catarina e Encarnação), cujos domínios raramente coincidem, em Lisboa, com os dos bairros propriamente ditos; ²² procissões realizadas pela Igreja de São Roque (situada no Largo Trindade Coelho, fronteiro ao bairro (ver mapa ao final)) têm aliás como itinerário as ruas abrangidas pela Junta da Encarnação, enquanto que as realizadas pela Igreja de Santa Catarina (próxima dali, na Calçada do Combro) percorrem, quando chegam ao Bairro, ruas ligadas à junta do mesmo nome; ²³ em termos de lazer noturno, novas representações espaciais ganham visibilidade, incluindo a que abrange (por vezes sob a forma de fluxos) uma parte do território da vizinha Bica (“o Bairro Alto está a descer para cá”). ²⁴

Tendo em vista essas ponderações iniciais, apresentarei mais detidamente alguns aspectos relevantes da etnografia, sendo que o breve espaço desse paper implicará escolhas e abordagens concisas e introdutórias, que serão aprofundadas em escritos posteriores.

Relações “Portugal-Brasil” (e Guiné-Bissau), focos etnográficos e reconstituição de redes

É importante ressaltar uma questão transversal presente ao longo de toda a pesquisa, que não me constituía propriamente um problema, mas que foi posta de forma

²² Ver discussão a respeito em Vidal (2009).

²³ Aguardar futura descrição etnográfica.

²⁴ O trabalho de Cordeiro (1997) mostra justamente como as fronteiras da Bica com o Bairro Alto (bem como a própria visibilidade da primeira) são alvos de disputas simbólicas constantes.

recorrente pelos sujeitos contatados: o fato de eu ser um brasileiro em Portugal.²⁵ Reconheço que não considerei a princípio tal aspecto tão relevante, seja por também falar português – o que cria uma perigosa ilusão de proximidade e familiaridade, ou de alteridade próxima²⁶ – e talvez pela ansiedade em conhecer tal bairro por dentro. Mas logo se evidenciaram os desafios: em muitas interações, impunham-se variados temas ligados de forma geral à relação entre os dois países: entre as idas de 2007 e 2009, havia menções recorrentes (dentre várias) à forte presença de brasileiros em Portugal (algo presente com certas particularidades no Bairro Alto, como retomarei adiante) e por vezes o “recado” era que o Brasil precisava resolver seus problemas econômicos; em 2011, por sua vez, elogiava-se os avanços da gestão Lula, o que explicaria inclusive certo retorno de imigrantes brasileiros ao Brasil, em contraste com a crise econômica portuguesa (ou europeia, a depender do ponto de vista) – assunto que também se impôs de formas variadas nesse período mais concentrado de pesquisa.²⁷ Imaginava (também ilusoriamente), por frequentar certos bares, que podia por vezes compartilhar alguns pontos de vista. Um exemplo: durante a Semana Santa, Lisboa recebeu um forte afluxo de turistas europeus, e no Bairro Alto se falava bastante na vinda de espanhóis. Num dos feriados, o atendente do balcão de um bar (de frente para o Largo de Camões), num momento bastante atribulado, comentava jocosamente que precisava aprender espanhol e inglês para dar conta de tantos pedidos, e quando comentei que realmente havia muitos estrangeiros por ali naqueles dias, ele respondeu: “Inclusive brasileiros!” Em outra situação um pouco distinta, após meses de presença regular numa adega do Bairro Alto, fui chamado gentilmente por um dos frequentadores de “meu amigo braçuca”. Outra constatação foi a dificuldade de compreender muitas palavras e expressões, ou mesmo o tema central de conversas ou anedotas – principalmente em diálogos cortados, com a participação de várias pessoas –, já que muitas referências regionais (como o

²⁵ Para um quadro recente a respeito, ver Feldman-Bianco (2010) e Machado (2010).

²⁶ Nos termos definidos por Peirano (1999), embora aqui eu ressalte justamente um caráter ilusório de proximidade quando se fala a mesma língua.

²⁷ Com reflexos políticos significativos, cuja crise levou à renúncia do primeiro-ministro José Sócrates em março de 2011, como relatarei adiante. Dentre as centenas de escritos sobre a crise, ver as excelentes crônicas de Cardoso (8/4/2011, 4 (Caderno P2)) e de Gil *et al* (24/5/2011, 4-9).

Alentejo, o Minho, o Algarve etc.) me eram (e continuaram a sê-lo) totalmente desconhecidas.²⁸

Ainda nessa temática, pode-se também dizer que, principalmente nas idas 2009 e 2011, foi possível constatar uma presença significativa de brasileiros no Bairro Alto (principalmente como empregados em bares e restaurantes),²⁹ sem com isso assumir que tal aspecto seja exclusivo a esse local ou região, embora ali assumo (com base nas observações) de fato uma densidade significativa. Isso também me levou a incorporar as especificidades de tais interações na abordagem sobre as redes de relação locais, incluindo o modo recorrente de como brasileiros com quem interagi estabeleciam proximidades comigo (muitas vezes como “conterrâneos”, embora num aprofundamento pudessem surgir diferenciações, caso p. ex. fossem cariocas (sendo eu paulista)). Mesmo isso às vezes levava a novas ilusões de proximidade: alguns brasileiros eram mais impacientes na interação, ou, pelo contrário, achavam que partilhávamos a priori do mesmo ponto de vista; numa noite “brasileira” do Teatro do Bairro, com uma apresentação de “samba de raiz carioca”, tomei por brasileiras algumas moças que sambavam com muita elegância, que depois soube serem portuguesas (uma era casada com um dos músicos, outras haviam aprendido com professores brasileiros etc.).

Tais questões de fundo cultural tornaram-se alvo de atenção particular, principalmente quando passei a interagir, mais tardiamente e por conta dos caminhos da pesquisa, com pessoas que vieram da Guiné-Bissau,³⁰ quando então era como se desse um outro tipo de proximidade, implícita na relação, sem que conversássemos a respeito: a de não portugueses ou pós-colonizados (que partilham a mesma língua), quem sabe.

Como foi dito, tais questões etnográficas serão doravante aprofundadas, além de terem me levado a buscar estabelecer distinções entre algo mais relacionado, digamos, ao contexto cultural português, ou então lisboeta (também com um conjunto de especificidades a se levar em conta) daquilo mais circunscrito ao bairro em questão (ou quem sabe aos bairros populares locais). De toda forma, no caso de Lisboa há uma contextualização de outra ordem, não necessariamente algo apenas englobado por uma

²⁸ Nesse sentido, ter lido jornal diariamente ajudou-me inclusive a acompanhar parcialmente certas conversas sobre futebol, política, economia, eventos etc.

²⁹ Há também muitos frequentadores e mesmo casos de donos de estabelecimentos.

³⁰ Principalmente Hernâni Miguel (ver adiante) e seu amigo Rui.

totalidade mais ampla (portuguesa), mas um território cujos eventos mais abrangentes, como p. ex. as festas e marchas populares de junho ³¹ ou seus bairros populares ³² ensejam a necessidade de maior conhecimento, isso sem falar da observação de ruas ou espaços cujas características (contrastivas ou não) também auxiliaram na configuração de um conhecimento um pouco mais preciso do espaço pesquisado.

Avançando na experiência etnográfica propriamente dita, pode-se dizer que parte da mesma concentrou-se numa determinada área do Bairro, mais precisamente em certos bares, adegas, tascas e restaurantes ao longo da Rua da Barroca (ver mapa ao final), com atenção também aos tipos de interação ocorridos na própria rua. ³³

Quando ressalto que ali se deu uma vivência mais significativa, isso não quer dizer que outros locais não tenham sido visitados ou percorridos, mas que naquele espaço foi possível estabelecer interações mais duradouras, sem que fosse preciso, com algumas exceções, apresentar-me constantemente ou fazer perguntas (embora praticamente todos soubessem que eu era um pesquisador). Fui também aceito em outros locais do bairro, sem que isso todavia configurasse uma territorialidade significativa para interação e observação. Em outros casos houve dificuldades em travar relações iniciais, principalmente em espaços comerciais onde não era possível permanecer por um tempo antes de iniciar uma interação, como p. ex. quitandas ou

³¹ Ver, sobre eventos que acompanhei pessoalmente mas que não serão abordados nesse momento, Público (2/6/2011, 26), Soares e Costa (3/6/2011, 30), Costa (5/6/2011, 10-11) e Soares e Sobral (14/6/2011, 22-23).

³² É interessante um exercício informal de comparação, p. ex., com Alfama, cuja morfologia dialoga com uma origem muito mais remota (sec. VIII), é forte a presença popular, comunitária e religiosa (Firmino da Costa, 1999), e também com uma certa vida noturna (embora o fluxo seja imensamente menor que o do Bairro Alto); ver, na literatura, um pequeno contraponto entre os dois bairros em Saramago (1992, 198): “Para descansar e recompor-se do museu [de Arte Contemporânea], o viajante foi ao Bairro Alto. Quem não tem mais que fazer alimenta rivalidades populares entre este bairro e Alfama. É tempo perdido. Mesmo pecando pelo exagero que sempre contêm as afirmações peremptórias, o viajante dirá que são radicalmente diferentes os dois. Não é o caso de sugerir que é melhor este ou aquele, supondo que viria a concluir-se que significa ser melhor em comparações destas; é sim que Alfama e Bairro Alto são antípodas um do outro, no jeito, na linguagem, no modo de passar na rua ou estar à janela, numa certa altivez que em Alfama há e que o Bairro Alto trocou por desaforo. Com o perdão de quem lá viva e de desaforado nada tiver”.

³³ Uma parte do Bairro Alto tem a entrada e saída de veículos controlada, o que restringe bastante tal movimento e incentiva a um uso mais recorrente das ruas como local de circulação e interação.

mini-mercados, expressivamente freqüentadas sobretudo pela população local, mas cuja receptividade dos donos, embora não tenha sido hostil, não resultou numa possibilidade de continuidade satisfatória.³⁴

Dessa forma, um plano etnográfico privilegiado (em termos de interação e observação) foi a rua (mais precisamente, a Rua da Barroca) e não o bairro,³⁵ já que esse não poderia ser propriamente observado, mas recriado através de variadas abordagens – sem a pretensão da reconstituição de uma dada totalidade. É claro que tal escolha (como qualquer escolha) acarretou maior visibilidade sobre certos aspectos, mas isso seria inevitável em qualquer micro-território local (com fronteiras também extremamente fluidas) que viesse a ser observado mais detidamente, tendo em vista uma abordagem (individual e, nessa fase mais prolongada, sem parceiros ou auxiliares) na qual se pretendia certa regularidade de interações. Poder-se-ia mencionar alguns exemplos desses micro-territórios, todos esses com dinâmicas que se alteram conforme o período:

- espaços com fluxos ou concentrações mais turísticas, como a Travessa da Queimada, na qual está o famoso Luso (casa de fado onde Amália Rodrigues iniciou sua carreira), e que conecta o Largo Trindade Coelho (uma das “portas de entrada” do Bairro, onde fica a Igreja de São Roque) ao restaurante Bota Alta (na esquina da R. da Atalaia) e ao bar Portas Largas (na R. da Atalaia); ou então a R. Diário de Notícias, com uma série de restaurantes com considerável frequência turística, muitos deles com mesas nas ruas (chamadas em Portugal de esplanadas);

³⁴ Certa vez, ao comprar água numa loja de conveniência, fui atendido em inglês por um senhor comerciante que pareceu-me indiano. Disse-lhe que era brasileiro e que podia falar em português, caso preferisse. Ele então afirmou que a maioria dos brasileiros dali falavam em inglês com ele, então assim prosseguimos a conversa. Ele quis saber se eu morava por ali ou se era turista. “Actually I’m a researcher”, eu disse, “And I’ve been developing a research about Bairro Alto”. Ele rapidamente respondeu: “But what is your thesis?” Tentei lhe explicar o que buscava na pesquisa, mas ele rapidamente voltava à mesma questão, até que passou a atender outra pessoa. Tentei retomar depois, mas... “later”, “tomorrow” foram as respostas. Minha interpretação (contestável, evidentemente) é que sua indagação incisiva (e surpreendente) fora um modo de dizer-me não.

³⁵ Inspiro-me aqui, dentre outros, em Cordeiro e Vidal (2008) e Agier (2011).

- áreas mais ligadas a consumidores (sobretudo às tardes, e predominantemente juvenis) de lojas “modernas” ou “alternativas”, como a R. do Norte;
- locais com maior densidade (noturna) de brasileiros, como na Travessa da Cara, em torno do Tação Grande, ou na própria Casa do Brasil (localizada na R. Luiz Soriano);
- áreas consideradas mais “perigosas” (parte da R. do Atalaia ou da Trav. da Cara), por maior incidência de brigas, assaltos ou venda de drogas (embora os dealers (como são chamados os traficantes) sejam acessíveis, nas horas de maior movimento noturno, em várias partes do bairro).³⁶

Assim, procurei concentrar a atenção na R. da Barroca (em períodos diferenciados, até para registrar certas mudanças nos ritmos da apropriação do espaço), ao mesmo tempo que, como já dito, percorri ou visitei outros espaços onde a densidade da observação era inevitavelmente menor. Desde as primeiras explorações de 2007, havia concentrado involuntariamente vários contatos nessa rua, e foi ali que ocorreram interações com maior continuidade, como a havida na Adega da Barroca, que em 2011 passei a frequentar mais regularmente.

Voltando ao tema da escolha, deve-se também levar em conta como por vezes somos também escolhidos por nossos interlocutores, e creio que isso se aplica ao presente caso. Em 2007 tive o primeiro contato com tal adega (também vista como uma casa de pasto), tendo inicialmente conversado mais detidamente com o dono, o Sr. José, que mora próximo dali, na S. Catarina, e cujo local abre no final da manhã (quando se atende a frequentadores locais no balcão e se avança no preparo da comida a ser servida à noite), e reabre ao fim da tarde, com o retorno de parte da mesma clientela, sendo que um pouco antes das 20h (a partir de então, com a participação da esposa) passa a atender outros fregueses, que se dirigem para as mesas de refeição, mais ao fundo. Se no espaço diurno pode-se falar numa sociabilidade predominantemente masculina, à noite

³⁶ Agradeço a André Gonçalves, músico morador do Bairro Alto, pelos comentários sobre os dois primeiros territórios, e a Sara Merlini, estudante e frequentadora do Tação Grande, sobre o terceiro. Quanto ao quarto, reconstituído a partir da observação e de múltiplas vozes, pode-se adicionar que a venda de substâncias ilícitas é diferente (até onde sei) dos contextos brasileiros, já que é comum que os dealers abordem os transeuntes.

o uso seria tanto masculino quanto feminino, incluindo muitos jovens ou turistas. Interessante frisar que tal dinâmica ao longo do dia ajudava nesse caso a relativizar a muito aludida separação entre os mundos diurno e noturno (mesmo admitindo as delimitações existentes).

Naquela primeira oportunidade já foi possível constatar a participação ativa dos presentes nas conversas (um hábito costumeiro em muitos bares, como se sabe), até que em dado momento o Sr. José não pôde conversar por causa de um atendimento mais intenso no balcão. Outro senhor que ali estava (Eduardo) e que participava da conversa assumiu então para si a interação.³⁷ Esse senhor³⁸ falou-me bastante sobre os bares de alterne³⁹ do passado, alguns deles no Bairro Alto, como o Lua Nova ou o Tia Alice (Arroz Doce), além de um bar noturno cujos frequentadores (na maioria, jornalistas) tinham a chave; também comentou sobre os jovens brasileiros que trabalhavam (alguns residiam) no bairro, e por fim estabeleceu uma diferença básica entre o Bairro Alto do passado e do presente: “do vinho tinto e branco para a cerveja, vodka, caipirinha, drogas e ladroagem”.⁴⁰

Quando estive em Lisboa no ano seguinte (2008), tive a oportunidade de conhecer o Sr. Nelson Celestino, que aparecera num jornal local em matéria sobre as marchas populares daquele ano,⁴¹ e que não tive dificuldade de encontrar pelas ruas do Bairro, por ele frequentar vários locais e circular bastante por suas ruas e entorno para o transporte de objetos (gelo, bebidas, frutas, papéis, recados etc.) para vários bares e restaurantes, atividades essas que o ajudam a complementar o pagamento da reforma (aposentadoria). Bastante conhecido no Bairro, incluindo muitos jovens, ele na época possibilitou-me um conhecimento inicial das marchas populares⁴² – ao contar-me das suas relações com o Lisboa Clube Rio de Janeiro (mais conhecido como Rio de Janeiro), clube comunitário que dentre suas atividades é responsável pela organização das marchas que representam o Bairro Alto –, bem como do próprio Bairro, dado seu

³⁷ Em certos momentos finalizava-se o assunto e ele mesmo pedia “outra” (pergunta).

³⁸ Que me contou ter servido o exército português em Moçambique, durante a guerra colonial (1961-74), como várias outras pessoas dessa geração que conheci durante a pesquisa.

³⁹ Bares onde mulheres vendem sua companhia a homens, a princípio sem contato sexual posterior.

⁴⁰ Nesse dia alguém ali ainda disse: “Portugal tem corrupção, mas no Brasil tem mais”.

⁴¹ Ver Padrão (11/6/2008, 24). Ele era então porta estandarte do Clube (Lisboa) Rio de Janeiro.

⁴² Cujo desfile na Avenida da Liberdade também assisti naquele ano, bem como acompanhei, de forma bem mais detida, em 2011 (assunto a merecer uma futura descrição à parte).

vasto campo de relações (apreensível em rápidos passeios com ele, quando era possível). Sua presença, aliás, em muitos locais e em horários diferenciados também ajudava a relativizar certa narrativa que tende a apresentar os idosos como mais sedentários e mais retidos em suas casas (embora isso evidentemente possa ocorrer, principalmente quando essas pessoas adoecem).

Em nossa última conversa, um ano depois (2009), ele manifestara vontade de ganhar a camisola (camisa) de algum time brasileiro. Em meu retorno em 2011, levei tal camisa comigo, e na primeira ida ao Bairro, encontrei-o justamente na Adega da Barroca. Ao encontrá-lo e presenteá-lo, tive uma receptividade muito significativa não só por parte dele, mas dos ali presentes, com oferecimento de copos de vinho (prática comum entre eles), conversas e mesmo de ajuda na pesquisa (como a indicação de outras pessoas para contato), receptividade essa que se reproduziu ao longo do tempo, tendo se tornado um dos meus locais de frequência regular, com um rico aprendizado. Pode-se chamar tal local provisoriamente de um espaço de sociabilidade masculina e popular, cujas interações revelaram-me uma série de temas relevantes sobre o cotidiano do bairro, bem como de aspectos que extrapolam o plano local e tocam em várias questões até aqui tratadas.

Por indicação de um dos frequentadores ali, o Sr. José – sempre gentil e através do qual tive um conhecimento um pouco mais profundo das redes locais ligadas à Igreja Católica, por ser ele um católico bastante ativo da Igreja de Santa Catarina –, apresentei-me aos donos do 89, na R. da Barroca, bar gerido por um casal de brasileiros, Mônica e Orlando, que abre apenas à noite. Como passei pelo local relativamente cedo, presenciei uma situação muito interessante do ponto de vista etnográfico: estavam ali presentes, além do casal mencionado, os donos de três restaurantes daquela rua, Dona Júlia (Baiúca), o Sr. José (Faia) e Miguel (Taberna da Barroca), numa interação comum àquele horário (um pouco antes das 20h), quando tais estabelecimentos ainda estão com poucos fregueses. Naquele dia a conversa com Dona Júlia propiciou não só um primeiro registro de sua trajetória no Baiúca (no qual foi empregada e hoje é proprietária) e no Bairro (com narrativas sobre a época das tabernas do passado e da prostituição), como levou a uma atenção mais detida, a partir de suas permanências pontuais não só no 89, mas também na já mencionada Adega da Barroca (além, obviamente, do seu próprio restaurante), às interações existentes naquele entorno, com uma teia de sociabilidade

que envolve donos e frequentadores de bares e restaurantes, bem como empregados e moradores, num tipo de adensamento a ser melhor descrito.

Como já dito, a dimensão da crise econômica e política portuguesa impôs-se de forma muito incisiva no cotidiano da pesquisa, tendo sido trazida em muitas situações. Em 23/3/2011, dia da renúncia do então primeiro ministro português José Sócrates, anunciada pelo próprio, oficialmente, às 20h na TV, configurou-se um claro drama social. Ao fim da tarde desse dia, na Adega da Barroca, o assunto fora trazido por Dona Júlia, e discutido por um tempo pelos presentes. No momento do anúncio oficial, estávamos no 89 acompanhando a transmissão, quando Dona Júlia contou-me sobre o ativismo político do pai (que a levava a manifestações “como se eu fosse homem”) e sua vivência do 25 de abril (quando estava grávida, enquanto os soldados com seus fuzis circulavam pela cidade). Após o anúncio da renúncia, que marcava o fim de um ciclo de seis anos de governo do Partido Socialista português e obviamente gerava interrogações preocupantes, uma brasileira presente lhe perguntou brincando se gostaria de migrar para o Brasil, e sua pronta resposta foi: “Jamais deixarei Portugal!”⁴³

A partir dos contatos principalmente nesse espaço, passei a reconstituir certas redes de relação com uma territorialidade a princípio mais definida. Mas é importante também apresentar introdutoriamente a reconstituição de redes relacionadas ao Bairro Alto (e ali parcialmente territorializadas), mas cujas conexões levaram-me também a pessoas ligadas em parte a certo passado do Bairro, sobretudo à década de 1980, período simbólico, como já dito, na história de Lisboa (principalmente de sua vida noturna).

Digamos que o início dessa reconstituição também se deu na R. da Barroca, a partir de contato com Belino Costa, presidente da Associação de Comerciantes do Bairro Alto, que colaborou com a pesquisa desde 2007. No reencontro com ele em 2011, recebi um CD-Rom com uma filmagem intitulada “Halloween” (2010),⁴⁴ em formato de videoclipe, com ações que se passam por sinal na Barroca, com a participação de transeuntes e atores, iluminação especial, fumaça artificial e até uma intervenção (não programada) dos “Homens da Luta”.⁴⁵ Dado meu interesse na temática dos usos

⁴³ No dia seguinte, lia-se primeira página do jornal Público (24/3/2011): “Eleições até junho. Portugal precisa de 8,3 mil milhões em dois meses, sob pressão dos mercados”.

⁴⁴ Disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=SElbMnnDYpo>, Acesso em 20/8/2011.

⁴⁵ Grupo musical que articula humor com protesto político, e que faz muitas intervenções nas ruas (ver, a respeito, Vaza, 8/3/2011, 8 (P2)).

noturnos contemporâneos locais – não aprofundada aqui –, tentei localizar o responsável pela sua produção, Xavier Martins, lisboeta e fotógrafo profissional, com quem por fim conversei e caminhei pelo Bairro. Tal filme foi feito na verdade com sua câmara digital (mostrada então por ele), cadenciando fotografias em sequência, mas cabe aqui assinalar outros detalhes da interação. Xavier frequentou o Bairro a partir de meados dos anos 80 como participante do movimento punk, “onde iniciei minhas aventuras noturnas”, além de ser hoje onde sua filha e amigos dela preferencialmente circulam aos fins-de-semana.

Nessa tarde também andamos por ruas e travessas do bairro, inicialmente pela R. do Norte, quando ele me apresentou as donas de dois estabelecimentos (uma loja de roupas “vintage” e um studio de tatuagens e bodypiercing), que se desdobraram em contatos muito interessantes. Mais tarde, encontramos-nos (a convite de Belino e do próprio Xavier) no lançamento de um CD de Afonso Pais (presente no mesmo) e JP Simões, “Onde mora o mundo”, ocorrido no bar Maria Caxuxa, na R. da Barroca – bar esse que chamava atenção desde vindas passadas, pela considerável aglomeração de pessoas à sua porta nas noites mais movimentadas. Numa rápida conversa com o músico (com 13 anos de carreira e 4 CDs já lançados), ele contou que considera o Maria Caxuxa uma espécie de “ponto de passagem” para a Bica (perto dali), o que reapareceu várias vezes na pesquisa. Nesse evento fui apresentado a João Simões, um dos proprietários do bar, que posteriormente contou-me detalhes da criação daquele espaço, uma antiga padaria que fora reformada ⁴⁶ para a abertura de um local que recebe um público um pouco mais velho do que aquele que circula à noite pelas ruas do bairro, e que se relaciona, de um modo geral, ao mundo das artes, da cultura, da música etc. Encontrei também o Sr. Nelson, já mencionado anteriormente, que é certamente a pessoa que mais vi em distintos locais do bairro e do entorno ao longo de toda a pesquisa.

De um modo geral, pode-se dizer que, por um lado, o contato com Xavier auxiliou-me a apreender mais um local da R. da Barroca, a partir do qual também foi possível reconstituir uma pequena territorialidade, com certos diálogos, a depender do

⁴⁶ Quando ressurgiram pisos, paredes e colunas da época anterior ao terremoto de Lisboa, e que foram incorporados na ambientação do bar.

período do dia, com a territorialidade anterior já descrita, a partir das quais procurei aprofundar o conhecimento e conexões, com novas incursões.⁴⁷

Mas abriu-se também a possibilidade de uma investigação mais baseada nas redes de relação e menos territorializada, por assim dizer, ainda que o Bairro Alto continue a ser um espaço de frequência atual de vários sujeitos contatados. É que naquele dia fui também apresentado a outro fotógrafo, José Luís da Fonseca, nascido no Porto (“tripeiro”, como ele próprio afirmou, quando perguntei), e que acompanhou o surgimento de bares do Bairro Alto no início da década de 1980, ao fazer parte de uma “geração nova, com novas ideias”, tendo presenciado e também fotografado (em certas situações) “pessoas, festas, sítios, acontecimentos” ou “exposições, poetas a declamar, performances”, por vontade pessoal e sem qualquer fim profissional. Sua narrativa abordou bares sobre os quais já havia ouvido ou lido, como o legendário Frágil, mas apontava outros ali localizados (como Jukebox, Ocarina, Rockhouse ou Os Três Pastorinhos), bem como assinalava que tal “ímpeto cultural” levou também à criação de discotecas (localizadas em outras áreas), como o Plateau, o Noites Longas (o qual retomarei um pouco adiante) e, anos mais tarde, o Kremlin (do qual ajudou ativamente a “acontecer”). Segundo ele, “todos nos conhecíamos, e íamos escoando”, “escorrendo de acordo com gostos” num circuito que se iniciava em bares do Bairro Alto, passava por discotecas e que podia bem terminar no “Noites Longas”, na zona de Santos.⁴⁸ Isso revela um conjunto de espaços e situações vividos sobretudo pela geração que viveu os anos 1980, no qual o Bairro Alto teve um papel especial.

⁴⁷ Como p. ex. os contatos com o brasileiro Júlio César, dono dos bares Sétimo Céu (na Travessa da Espera) e do Side (vizinho, na esquina da mesma travessa com a R. da Barroca), ambos ligados à noite gay (incluindo transgenders e transexuais), cujos frequentadores ajudam a configurar naquele cruzamento a “panasquina” (Henriques, 10/4/2011, 5), algo bastante nítido nas noites mais cheias. Interessante que embora o Sétimo Céu seja um bar assumidamente gay, existe uma tendência de tal territorialidade se espriar por vários locais (do Bairro e do entrono), como em bares gay-friendly, embora a matéria já citada faça menção, por sua vez, ao fato de lugares antes mais fechados tornaram-se aos poucos hetero-friendly. Importante ainda mencionar que, se um fluxo significativo na alta madrugada vai do Bairro Alto para a região da Bica ou Cais do Sodré, há um outro em direção ao Príncipe Real, onde há décadas se concentram espaços referenciais para esse público.

⁴⁸ Como sintetiza o cronista Vítor Belanciano: “A meio dos anos 80, depois do Bairro Alto adormecer, era para ali [Noites Longas] que a Lisboa artística descia de braço dado e se misturava com a Lisboa castiça do Cais do Sodré e do Mercado da Ribeira” (25/8/2010, 3 (P2)).

Luis, por sua vez, sugeriu apenas um contato, o de Hernâni Miguel, cuja relação só poderá aqui ser brevemente descrita, sem dar conta das dimensões significativas que se abriram para a pesquisa, e também por me aproximar de um personagem citado por Xavier, por Luis e por várias outras pessoas: o Zé da Guiné.

Meu contato com Hernâni deu continuidade a tal rede ao mesmo tempo em que abriu novas dimensões na pesquisa, a começar pelo fato de ser o primeiro africano com quem estabeleci relações mais duradouras na pesquisa, embora ele tenha vindo da Guiné ainda criança, durante a guerra colonial, e ter sido adotado em Portugal. Desde criança, ele contou muito com a capacidade de fazer relações, e isso de certo modo esteve e está presente com um trunfo em suas inserções na noite lisboeta, desde os anos 1980, desempenhando uma espécie de papel privilegiado de relações públicas. Ele participou, junto com Zé da Guiné, do empreendimento que se traduziu no já mencionado Noites Longas,⁴⁹ espaço que naquele momento aglutinava toda uma geração que veio depois a configurar uma espécie de vanguarda intelectual e artística, com uma simbologia que chega a competir com tudo o que já foi escrito a respeito do Frágil. Mas talvez pelo fato desse último – e Manuel Reis, seu criador – já estar de certa forma mais consolidado nas lembranças da época, pode-se perceber um empenho especial de Hernani em ressaltar o papel de Zé da Guiné e dele, ambos vindos da Guiné-Bissau, em distintas circunstâncias, na configuração da noite lisboeta moderna. Isso por sinal fez parte do documentário “Crônica de um africano em Lisboa”,⁵⁰ no trecho em que a galerista Zambeze Almeida afirma que graças a pessoas como Zé da Guiné, Hernâni Miguel e Manuel Reis, Lisboa se transformou em “Lisóptima”.

Hernâni tem uma trajetória de associação em muitos bares de Lisboa, vários localizados no Bairro Alto, cuja reconstituição é impossível de ser feita nesse paper.⁵¹ De toda forma, foi possível captar em suas narrativas a valorização do papel desempenhado tanto por ele como por Zé da Guiné na noite lisboeta dos anos 80 em diante. Foi também interessante interagir em certas situações com ele no próprio Bairro

⁴⁹ Ver detalhes de sua trajetória e das parcerias com Zé da Guiné em Sacramento (22/6/2004, 46-47).

⁵⁰ Documentário de José Manuel de S. Lopes (2011) sobre o Zé da Guiné, que tive a oportunidade de assistir um pouco antes do fim da pesquisa em Lisboa, e cujo diretor também contatei.

⁵¹ Sobre o atual bar no Bairro Alto do qual é sócio, ver Macdonald (20-26/5/2009, 67).

Alto, ao captar como ele faz, em certos bares, visitas bem rápidas, ou então permanece por mais tempo, como na Tasca do Chico.⁵²

Na última vez que estive com Hernâni, visitamos (depois de alguns adiamentos) o Zé da Guiné, infelizmente doente e em casa de forma permanente, por causa de uma doença degenerativa. O conhecimento sobre Zé da Guiné – que, abreviadamente, lutou na guerrilha pela libertação da Guiné-Bissau, e depois veio para Lisboa, onde inicialmente trabalhou como segurança de alguns bares, e a partir de suas parcerias com a elite intelectual de então passou a organizar parte da noite lisboeta⁵³ – nessa pesquisa passou por uma espécie de retomada de fragmentos anteriores (em vários momentos ouvira falar dele, sem que isso configurasse um conhecimento mais definido a seu respeito). Xavier chegara a falar dele, como alguém envolvido numa relação significativa entre dar e receber, mas que então não me ficara clara. Juntando com outras falas, há indícios de que ele, tal como Hernâni Miguel, também contava com uma grande capacidade de fazer amigos com base numa rara generosidade, mas além disso parecia saber explorar performaticamente o corpo (atlético), com o uso de roupas exóticas (várias delas adquiridas na Feira da Ladra) de forma bastante carismática, o que teria conferido um forte cosmopolitismo àquele contexto.

A partir dos registros de Hernâni e de várias pessoas que contatei a partir da rede por ele sugerida, Zé da Guiné emergiu, por conta do que já foi dito, como uma figura "incontornável" daquele período, sendo que matérias da grande imprensa o relembram ao mesmo tempo em que cobram (do poder público ou daqueles que se beneficiaram com aquela época) um cuidado especial de alguém hoje numa situação bastante vulnerável (Belalciano, 25/8/2010, 3; Cardoso, 26/8/2010, s. p.).

Na visita que fizemos à sua casa, ele nos recebeu, dentro do possível, de forma bem humorada, comunicando-se com Hernâni – que fez questão de dizer que eu era "um dos nossos" – com palavras limitadas por dificuldades de respiração. Ele alegrou-se ao confirmar a visita recente de alguns amigos, entristeceu-se com certas ausências, e fez questão de que eu conhecesse um brasileiro que há anos cuida dele (que infelizmente não pude contatar por estar então a poucos dias do término da pesquisa). Para além da

⁵² Espaço de forte simbologia, ligado ao fado "vadio" (ainda que a polaridade entre fado vadio e profissional mereça vários questionamentos), e que apesar de ter sido razoavelmente etnografado, também não entrará nesse texto

⁵³ Ver, a respeito, Carrilho (9/6/2011, 10-12), além do documentário já citado.

rara oportunidade de ter podido conhecer pessoalmente o Zé da Guiné, os detalhes sobre construções de pertencimento e formas de aproximação presentes nessa rápida conversa fizeram-me novamente pensar nos significados inerentes às relações dentro do assim chamado mundo lusófono, numa perspectiva etnográfica.

Para concluir (de forma involuntária, por conta do prazo disponível) esse texto propositalmente introdutório, é preciso deixar claro que tenho consciência de que é fácil que gerações passadas considerem “o seu tempo” ou “a sua época” como algo mais importante do que o presente – embora, diga-se de passagem, várias pessoas com quem falei sejam as primeiras a se auto-criticar sobre tal tendência –, ainda mais porque o atual uso noturno do bairro tende a ser representado de forma muito negativa, por conta, como já falado, de uma apropriação juvenil coletiva bastante densa (ou massificada, como se referem muitos) cujo uso disseminado de bebidas alcoólicas (ou de substâncias ilícitas) colabora com uma estigmatização que termina por englobar um público bastante heterogêneo e que faz usos diferenciados desses espaços.⁵⁴

De toda forma, os anos 1980 contam com uma geração significativa de narradores que demarcam um período, cujo desafio está em avaliar seu potencial de ruptura ou de continuidade com relação ao passado, o que acaba por se expressar, no caso do Bairro Alto, nas já mencionadas diferenças entre um espaço que instituiu o novo, ou que é boêmio “desde sempre”.

Pode-se falar, de toda forma, e em defesa de uma pesquisa aqui apresentada sob a forma de intenções de aprofundamento, que um olhar etnográfico sobre o Bairro Alto, seja aquele mais concentrado na observação das interações em suas ruas e de tudo que as cercam e compõem (bares, restaurantes, lojas, teatros, centros culturais, residências etc.), seja aquele mais atento aos modos como um determinado passado é rememorado (com todas as limitações decorrentes de uma grande ênfase no plano discursivo) pode vir a permitir um conhecimento mais apurado desse bairro e de uma cidade em constante criação de suas dimensões, fronteiras, passados e presentes.

⁵⁴ Isso foi alvo de falas recorrentes ao longo de todo esse período de pesquisa, tendo inclusive levado a uma primeira tentativa de controle por parte do poder público quando do anúncio de uma futura proposição de restrição do horário de funcionamento das lojas de conveniência, consideradas as principais responsáveis por tal consumo nas ruas (Sobral, 12/7/2011, 24).

Bibliografia

Livros e artigos de revistas acadêmicas

- Agier, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Terceiro Nome, 2011.
- Antunes, M. “Bairros e contextos locais: Estrela D’África, um bairro de fronteiras?” in: Pinheiro, M.; Baptista, L. V.; Vaz, M. J.(orgs.). *Cidade e metrópole: centralidades e marginalidades*. Oeiras, Celta, 2001, p. 219-228.
- Authier, J.-Y.; Bacqué, M.-H.; Guérin-Pace, F. (Ed.). *Le quartier: enjeux scientifiques, action politiques et pratiques sociales*. Paris, La Découverte, 2006.
- Bastos, C. “Lisboa, Século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais” in Pais, J. M. e Blass, L. M. da S. (orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo, Annablume/CAPES, 2004, p. 181-210.
- Brito, J. P. de. (coord.). *Fado: vozes e sombras*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Electa, 1994 (Catálogo da exposição).
- Brito, J. P. de. “As escritas e as ressonâncias da alteridade” Pais, J. M.; Brito, J. P. de; Carvalho, M. V. de (coord.). *Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras*. Lisboa, ICS, 2004, p. 323-334.
- Cabrita, A. R.; Aguiar, J.; Appleton, J. *Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa/Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1992.
- Cardoso, M. E. *A causa das cousas*. Lisboa, Assírio Alvim, 2009 [1986], 18ª ed.
- Carita, H. *Bairro Alto: tipologias e modos arquitetónicos*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1994.
- Carita, H. “A Igreja, a Rua Larga e o Bairro Alto de São Roque” in Oliveira, M. H. (coord. geral). *Património Arquitectónico: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa/Museu São Roque, 2006, p. 18-35.
- Certeau, M. de. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994 [1980].
- Cordeiro, G. Í. “Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca”. *Sociologia* vol. XIII, Faculdade de Letras do Porto, 2003, p. 185-199.

- Cordeiro, G. Í. e Firmino da Costa, A. “Bairros; contexto e intersecção” in Velho, G. (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 58-79.
- Cordeiro, G. Í. e Vidal, F. (orgs.). *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008 (Col. Horizonte Universitário, n. 78).
- Cordeiro, G. Í. *Um lugar na cidade: quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*. Lisboa, Dom Quixote, 1997.
- Dias, M. T. *Lisboa desaparecida, vol. IV*. Coimbra, Quimera, 1994, 3ª ed.
- Feldman-Bianco, B. “Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo: construções do ‘mesmo’ e do ‘outro’” in Feldman-Bianco, B. (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2010, p. 57-105.
- Firmino da Costa, A. *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras, Celta, 1999.
- França, J. A. *Lisboa: urbanismo e arquitetura*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005, 5ª ed. (Col. Cidade de Lisboa, 29).
- Frehse, F. “Usos da rua” in: Fortuna, C. e Leite, R. P. (orgs.). *Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas*. Coimbra, Almedina, 2009, p. 151-170.
- Frúgoli Jr., H. “A cidade no diálogo entre disciplinas” in: Fortuna, C. e Leite, R. P. (orgs.). *Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas*. Coimbra, Almedina, 2009, p. 53-67.
- Frúgoli Jr., H. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.
- Gurriarán, J. A. *Lisboa: uma cidade inesquecível*. Badajoz, Cia. Limite de Comunicación, 1997 (Guias Limite Visual).
- Machado, D. *O que diz Molero*. Lisboa, Quetzal, 2009.
- Machado, I. J. de R. “Imigração brasileira no Porto, Portugal: apontamentos para uma etnografia do jogo da centralidade e dos circuitos de reciprocidade” in Feldman-Bianco, B. (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2010, p. 223-255.
- Marcus, G. E. “Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography” [1995] in Marcus, G. E. *Ethnography through thick and thin*. Princeton, Princeton University Press, 1998, p. 79-104.
- Marques, A. H. de O. *Breve história de Portugal*. Lisboa, Ed. Presença, 2006, 6ª ed.

- Mayol, P. “Morar” in Certeau, M.; Giard, L.; Mayol, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, Vozes, 2008 [1994], 7ª ed., p. 37-207.
- Menezes, M. “A Praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa”. *Horizontes Antropológicos* nº 32, ano 15, PPGAS/UFRS, jul.-dez./2009, p. 301-328.
- Pais, J. M. *A prostituição e a Lisboa boémia: do século XIX a inícios do século XX*. Porto, Âmbar, 2008 [1985].
- Peirano, M. “Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada)” in Miceli, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, São Paulo/Brasília, Ed. Sumaré/Anpocs, 1999, vol. 1 (Antropologia), p. 225-266.
- Pessoa, F. *Lisboa: o que o turista deve ver*. São Paulo, Cia. das Letras, 2008 [1925], ed. bilíngüe (versão para o inglês do autor).
- Rio, J. do. *Fados, canções e dansas de Portugal*. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1909.
- Sahlins, M. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (Partes I e II)”. *Mana*, vol. 3, nº 1 e 2, 1997.
- Sahlins, M. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- Saramago, J. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Editorial Caminho, 1984.
- Saramago, J. *Viagem a Portugal*. Lisboa, Editorial Caminho, 1992.
- Silva, C. S. *Famílias de Alfama: dinâmicas de solidariedades familiares num bairro histórico de Lisboa*. ICS, Lisboa, 2001.
- Sousa, A. de. *Bairro Alto*. Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1944.
- Vidal, F. “A mobilidade residencial como objeto da história urbana: registos, práticas e interpretações” in Carmo, R. M. do; Simões, J. A. (orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos*. Lisboa, ICS, 2009, p. 57-69.

Matérias da imprensa

- Belanciano, V. “Zé da Guiné”. *Público*, Lisboa, 25/8/2010, p. 3 (Caderno P2).
- Cardoso, M. E. “Vamos ser pobres outra vez. É quase um alívio”. *Público*. Lisboa, 8/4/2011, p. 4 (Caderno P2).
- Cardoso, M. E. “Viva o Zé da Guiné”. *Público*, Lisboa, 26/8/2010, s. p.

- Carrilho, R. “O homem que fazia acontecer”. *Sol*, Lisboa, 9/6/2011, p. 10-12 (Revista Caju).
- Costa, T. B. “Festas: animar Lisboa para além dos arraiais e das marchas”. *Público*, Lisboa, 5/6/2011, p. 10-11.
- Gil, J. *et al.* “Pequeno guia para repensar Portugal”. *Público*, Lisboa, 24/5/2011, p. 4-9 (Caderno P2).
- Henriques, A. “A noite gay está a ficar *hetero-friendly*”. *Público*, Lisboa, 10/4/2011, p. 4-7.
- Henriques, A. “Aos 80 anos hemeroteca ignora onde irá parar”. *Público*, Lisboa, 10/7/2011, p. 42-43.
- Ionline, “+Skillz. A casa do Bairro Alto que ensina os vizinhos a ser mais”. 24/6/2011, <http://www.ionline.pt/conteudo/132382--skillz-casa-do-bairro-alto-que-ensina-os-vizinhos-ser-mais>, Acesso em: 19/9/2011.
- Macdonald, J. “Hernâni Miguel voltou ao Bairro Alto. E isso é bom”. *Time Out* n° 86, 20-26/5/2009, p. 87.
- Padrão, I. “Bastidores das marchas estão cheios de talento”. *Diário de Notícias*, Lisboa, 11/6/2008, p. 24-25.
- Público. “Centenas juntaram-se num arranque diferente das festas da cidade”. Lisboa, 2/6/2011, p. 26.
- Sacramento, C. “Hernâni Miguel”. *Blitz*, Lisboa, 22/6/2004, p. 46-47.
- Soares, M. e Costa, T. B. “Uma noite em que a cidade foi o palco”. *Público*, Lisboa, 3/6/2011, p. 30.
- Soares, M. e Sobral, C. “Alto do Pina conseguiu sua primeira vitória na Avenida”. *Público*, Lisboa, 14/6/2011, p. 22-23.
- Sobral, C. “António Costa propõe horários reduzidos nas lojas de conveniência do Bairro Alto (Presidente da Câmara quer restringir consumo de álcool na rua à noite)”. *Público*, Lisboa, 12/7/2011, p. 24.
- Sobral, C. “Viagem por uma noite de *botellón* em Lisboa (Jovens portugueses importam hábitos de consumo espanhóis)”. *Público*, Lisboa, 3/4/2011, p. 8-9.
- Vaza, M. “Homens da Luta: não são música de intervenção, mas são intervenção”. *Público*, Lisboa, 8/3/2011, p. 8 (Caderno P2).

Mapa do Bairro Alto (extraído de Convida Bairro Alto & Príncipe Real. Lisboa, ConVida Lda., maio-nov./2011, p. 65).

